

Arte Geraldo de Barros, doze anos depois do Grupo Rex

Há mais de dez anos, um grupo de pintores enfadados pelas mesmices conservadoras nas artes plásticas se reuniu em torno de um objetivo específico: combater basicamente a forma fria e comercializada com que a política dos **marchands** de fraque e cartola tratava o trabalho artístico. Era o "Grupo Rex", formado inicialmente por **Geraldo de Barros**, Nelson Leirner e Wesley Duke Lee e responsável por muitas das agitações vividas pelas artes plásticas brasileiras na época. Desse tempo até agora muita coisa mudou, mas um registro artístico quase completo desse período poderá ser visto a partir de terça-feira, no Museu de Arte Moderna (Parque Ibirapuera), quando Geraldo de Barros estará mostrando sua produção dos últimos doze anos, isto é "desde o episódio da Galeria Rex para cá", como ele prefere definir.

"O Grupo Rex foi um movimento de pintura responsável, entre outras coisas, pela introdução da **pop art** e do **happening** em São Paulo. O grupo acabou porque tinha que acabar e resolvemos dar um belo final a ele.

Foi em 1966. O último happening do Grupo Rex, que mantinha uma galeria na então avenida Iguatemi, hoje Faria Lima. Prepararam uma exposição, só que muito diferente daquelas que todos estavam acostumados a ver, onde o mais importante fica sendo o desfile de roupas e jóias, a mera presença num pretenso acontecimento cultural. Naquela última exposição do Grupo Rex, tudo podia acontecer. Os presentes no **happening**, pegavam os quadros sem precisar pagar. Se conseguissem. Porque para chegar aos quadros, tinham que transpor os obstáculos e trincheiras preparados pelos artistas: havia quadros acorrentados em bases de concreto, outros presos no



Geraldo de Barros e seus quadros...



... uma vigorosa e coerente luta contra os massificadores do nosso tempo

interior de jaulas e — em alguns casos — era preciso passar por uma piscina. Era o que chamaram de "A Descoberta da América".

Geraldo de Barros conta que desde oito horas da noite, a avenida, no quarteirão onde ficava a Galeria Rex, estava apinhada de gente chegando sem parar, fotógrafos, cinegrafistas, trânsito congestionado. E para completar o quadro de coisas inusitadas, acabou a luz. Acabou a luz, conta Geraldo, e aí a bagunça foi total: em menos de dez minutos, a Galeria Rex foi devastada pelas pessoas que estavam à sua porta. Foram nove minutos exatamente, lembra Geraldo, e as pessoas entraram a pegar todas as coisas que viam pela frente, a piscina quase que transborda. Pegavam inclusive, coisas que nada tinham a ver com a exposição, cadeiras, mesas, quadros de aviso etc... A Galeria Rex, enfim, fechou em seu auge e agora Geraldo de Barros reconhece:

— E, fomos mexer com forças que não podíamos controlar.

O Rex acabou também porque já tinha, até certo ponto, cumprido alguns de seus objetivos: organizar exposições de rua em São Paulo e trabalhar no sentido de tornar o homem participante e não mero espectador da obra de arte.

Geraldo de Barros, hoje um homem de 54 anos, não se considera um artista dominado pela criação passiva, onde o elemento humano se torna um simples objeto deformado pela massificação. E é justamente contra estes poderosos massificadores do nosso tempo — o mundo da propaganda e da televisão — que ele luta. Contra tudo que é codificado na informação digerida diariamente pelas pessoas. "Vivemos num mundo em que todo tipo de informação é codificado servindo sempre a interesses terceiros de grupos políticos, sociais

ou econômicos", reconhece Geraldo de Barros.

"Eu nunca sei, como ser humano, o que está acontecendo realmente, se aquele colorido que a televisão me retransmite é aquilo mesmo em definitivo, mas sei que estes códigos nos são transmitidos querendo estabelecer as coisas que vamos pensar".

O ser humano, antes de mais nada. O homem, e sua relação com o mundo, com as coisas que o cercam, com o seu trabalho, com a vida. E Geraldo sempre se preocupou com, estes detalhes desde que começou a pintar, em 1945, aluno do Clóvis Graciano, até agora.

O trabalho de Geraldo de Barros: recodificar determinados símbolos, romper com os códigos transformando-os sem obedecer às cores da retícula de um **out-door** publicitário ("que apela para o consumo do que não desejo fazer, mas me é imposto"), por exemplo.

E quando ele mostra a criação deste rompimento, mostra às pessoas que isso é possível. Ele se utiliza da imagem desgastando-se de um **out-door**, ou um detalhe qualquer de um poster, colocando-a num novo espaço com um novo conjunto de cores, tornando a imagem mais leve, mais real e humana, antes de mais nada. E este todo o pensamento expresso nos 36 quadros que permanecerão no Museu de Arte Moderna, durante trinta dias: o cavalo do Marlboro mais ágil, arisco, mais solto fora de todo o conjunto forma e **out-door**, subvertendo seu apelo publicitário.

"Realmente, as pessoas já estão de tal forma acostumadas com o colorido da televisão, que acabam passando por cima das cores naturais, simplesmente como elas são".